

ÓRGÃO OFICIAL DO CORECON-RJ, IERJ E SINDECON-RJ

ECONOMISTAS VÃO ÀS URNAS

No próximo dia 26 de outubro, sexta-feira, os economistas do Rio de Janeiro vão estar escolhendo os novos dirigentes do

Conselho Regional de Economia. Duas chapas são concorrentes e o JE foi ouvir os representantes de cada

uma delas para saber suas opiniões, propostas e o que as diferencia. Nas páginas central e seguinte as opiniões de Ângela Maria Puppim Buzanovsky, Bernardo Karan e Ronaldo Rangel, da chapa 1, e Cláudio Maciel, Ivo Bucaresky e Lia Hasenclever, da chapa 2.



Páginas 6, 7 e 8

Rio realiza o seu Fórum Social de 26 a 28 de outubro

Com a presença do jornalista francês Bernard Cassen, do economista João Pedro Stédile, do MST e de representantes de movimentos e entidades da sociedade estará acontecendo, no último final de semana do mês, o Fórum Social do Rio, que irá preparar propostas que serão levadas a Porto Alegre, no Fórum Mundial.

Página

12

Futebol também é marketing, com mercado garantido

Existe na praça um produto com público garantido, em diferentes faixas etárias e cuja divulgação na mídia conta com a procura da própria pelo produto. Porém, no país do futebol o resultado é um fracasso completo. Por que? O economista J.Roberto Whitaker Penteadó busca os caminhos para dar a resposta.

Página

9

O mundo depois dos ataques de 11 de setembro

Os acontecimentos que estarreceram o mundo na manhã do último dia 11 de setembro trouxeram lições à grande potência do mundo moderno, entre elas, a de que por maior que seja o seu poderio militar não estará mais imune a novos atos tão ou mais terríveis.

Página

3

EDITORIAL

DAS IDÉIAS E DAS URNAS

Em benefício da troca de idéias e da mobilização dos economistas do Rio de Janeiro em torno das eleições no Conselho Regional de Economia, o *Jornal dos Economistas* está lançando esta edição reduzida, com 12 páginas, de forma a viabilizar sua circulação antes do pleito, marcado para 26 de outubro. No próximo número voltaremos à apresentação tradicional, em 16 páginas.

A forma que nos pareceu mais democrática

para contribuir com esta troca e difusão de idéias foi entrevistar os representantes de cada uma das duas chapas que concorrem nestas eleições a respeito de suas propostas e do que diferencia cada uma. A íntegra da entrevista está na página central e seguinte.

E esperamos que pelo menos em parte possamos estar, desta forma, contribuindo com o debate. Uma boa leitura a todos. ■

CONVÊNIOS

Os economistas registrados no Conselho Regional de Economia-RJ dispõem de descontos especiais nos preços de todos os serviços abaixo relacionados:

- **Academia**
Academia Tony Regadas
Rua do Russel, 632 - 366 (Hotel Glória) - Glória - RJ
Tel.: 2555-7355
Oferece desconto de 10% em todas as atividades coletivas
- **Cursos**
Estação das Letras
Rua do Catete, 228 - sobrelaje 318 - Catete - RJ
Tel.: 2285-7224
Oferece desconto de 10% em qualquer curso - 15% se houver mais de dez pessoas do CORECON.
Capital Humano Tecnologia e Treinamento Ltda
Rua Dr. Paulo Cesar, 217 - Bloco B
Santa Rosa - Niterói - RJ
Oferece desconto de 10% sobre o valor integral em todos os cursos oferecidos para os economistas registrados no Corecon.
Cia. Dos Módulos
Av. Franklin Roosevelt, 126 - 204 a 209 - Centro - RJ
Tel.: 2220-3266 e 2240-7186
Oferece desconto de 20% para os cursos oferecidos.
ABEC - Academia Brasileira de Educação e Cultura Ltda
Rua Evaristo da Veiga, 20 - 2º e 3º andar - Centro - RJ
Tel.: 2544-6626 e 2544-7910 e 2220-9699
Oferece desconto de 30% sobre os cursos preparatórios para concursos públicos.
Indec - Instituto Nacional de Educação Continuada
Rua Sete de Setembro, 92 - 1705 - Centro - RJ
Tel.: 2242-3731 e 3731-0769
Oferece desconto de 10% sobre valor integral em todos os cursos.
- **Fisioterapia**
Clínica de Equilíbrio Corporal Fisioterapia e Acupuntura Ltda
Av. Rio Branco, 245 - 902 a 905 - Centro - RJ
Tel.: 2240-0654 e 2524-5028 e 2524-5031
Centro de Reengenharia Corporal
Rua Hilário de Gouveia, 66-506 - Copacabana - RJ
Tel.: 2255-8940
- **Hotel**
Hotel Fazenda Javary
Praça das Nações Unidas, 35 - Barão de Javary
Miguel Pereira - RJ - Reservas: Rua Álvaro Alvim, 37
Tel.: 2240-9335 - 2541-5861 - 2568-0561
hoteljavary@uol.com.br
Oferece desconto de 10% sobre valor total das despesas com diárias, pernoite completa.
- **Odontologia**
Cirurgiões Dentistas Reunidos
Rua Santa Rosa, 96 - Santa Rosa - Niterói - RJ
Tel.: 2612-8691 - tatiana@web4u.com.br
- **Psicanálise**
Consultório Rita MacDowel
Rua Barata Ribeiro, 391 - 1107 - Copacabana - RJ
Tel.: 2549-1636
- **Serviços**
Convidro - M. Duchamp Vidros
Rua Visconde de Pirajá, 609-406 - Ipanema - RJ
Tel.: 2294-0203
Oferece desconto
- **Universidade**
UCP - Universidade Católica de Petrópolis
Rua Benjamin Constant, 213
Centro - Petrópolis - RJ Tel.: 2237-5062 R. 219/323
SUESC - Faculdade de Economia e Finanças do RJ
Pça da República, 50 - Centro - RJ - Tel.: 2509-1965
Oferece desconto de 43% de desconto para os cursos de Direito, Administração, Economia, Ciências Contábeis e Atuariais.
- **Biblioteca**
A Biblioteca Eginardo Pires, do Corecon-RJ, constitui-se de acervo especializado na área de Economia. São 2.160 títulos, sendo 67 de obras de referência; 184 periódicos especializados e uma videoteca com 435 títulos (gravações no período de 1985 a 1999 de congressos, seminários e debates de economia realizados pelo Corecon/RJ). Está localizada na sede do Conselho, na av. Rio Branco, 109/16º, Centro, no horário de 9h às 17h.

O Conselho possui ainda convênios com as editoras Paz e Terra, Record, FGV, Cepal e Campus, oferecendo desconto de até 35% nos preços de capa

economistas

Órgão Oficial do
CORECON - RJ, IERJ E SINDECON - RJ
ISSN 1519-7387

Conselho Editorial: Cláudio Leopoldo Salm, Helena Maria Martins Lastres, Hildete Pereira de Melo, João Paulo de Almeida Magalhães, Maria José Cyhlar, Paulo Sérgio Souto e Reinaldo Gonçalves • Edição: CORECON - Conselho Regional de Economia - Rio de Janeiro - Telefax: 2232-8178 - e-mail: coreconinst@altamex.com.br - homepage: <http://www.economistas.com.br> • Editor: Nilo Sérgio Gomes • Caricaturista: Cássio Lorezano • Projeto gráfico: André Lippmann, José Mira e Marcelo Paiva • Editoração eletrônica: André Lippmann • Fotoalto e Impressão: Tipológica • Tiragem: 13.000 exemplares • Periodicidade: Mensal - As matérias assinadas por colaboradores não refletem, necessariamente, a posição das entidades. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta edição, desde que citada a fonte.

CORECON - CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA/RJ

Av. Rio Branco, 109 • 19º andar
Rio de Janeiro • RJ • Centro • CxP 20054-900
Telefax: (21)2232-8178 ramal 22
E-mail: coreconinst@altamex.com.br
Homepage: <http://www.economistas.com.br>

Presidente: Ronaldo Raemy Rangel • Vice-presidente: Sidney Pascoutto da Rocha • Conselheiros Efetivos: Eduardo Mendes Callado, Helena Maria Martins Lastres, Hildete Pereira de Melo, João Manoel Gonçalves Barbosa, João Paulo de Almeida Magalhães, Maria José Cyhlar Monteiro, Paulo Sérgio Souto • Conselheiros Suplentes: Enilce Leite Melo, José Antonio Lutterbach, Júlio Diniz, Luiz Mário Behnken, Mauro Osório, Sandra Maria Carvalho.

SINDECON - SINDICATO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RJ

Av. Treze de Maio, 23 • Grupos 1607/1608/1609
Rio de Janeiro • RJ • CxP 20031-000
Tel.: (21)2262-2535 • Telefax: (21)2533-7891 e 2533-2192 • E-mail: sindecon@sindecon.org.br

Coordenador Geral: Sidney Pascoutto da Rocha • Coordenador de Assuntos Institucionais: Paulo Passarinho • Diretores de assuntos institucionais: Adhemar dos Santos Mineiro, Rogério da Silva Rocha, Enilce Leite Moki, Luiz Antonio Rodrigues Elias, Luiz Manoel Behnken, Antônio Melki Jr. e Renato Luiz Meilo de Oliveira • Coordenador de Relações Sindicais: João Manoel Gonçalves Barbosa • Diretores de relações sindicais: Sandra Maria Carvalho de Souza, Eduardo Mendes Callado, Carlos Tibiriçá Miranda, Gilberto Caputo Santos, José Fausto Ferreira, Regina Gadioli dos Santos, Paulo Gonzaga Mibieli de Carvalho e Marcelo Sereno • Coordenador de Divulgação e Finanças: Gilberto Alcantara da Cruz • Diretores de divulgação e finanças: Benni Faerman e Eduardo Carriros Scaletsky • Conselho Fiscal: Ademir Figueiredo, José Viegas e Jorge de Oliveira Camargo.

IERJ - INSTITUTO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 109 • 16º andar • Rio de Janeiro RJ • Centro • CxP 20054-900 • Tel.: (21)2509-1077
Telefax: 232-8178 ramal 22 • E-mail: ierj@altamex.com.br

Presidente: Cláudio Leopoldo Salm • Vice-presidente: Hildete Pereira de Melo • Diretor de Finanças: Eriksom Teixeira Lima • Diretoria Executiva: Glória Maria Moraes, José Eduardo Cassiolato, Luiz Antonio Rodrigues Elias, Mario Cordeiro de Carvalho Júnior, Nelson Victor Le Cocq, Paulo Gonzaga Mibieli, Renata Leite Pinto Nascimento, Ruth Espinola, Silvio Renato Paes de Figueiredo.

O MUNDO PÓS 11 DE SETEMBRO Luiz Eduardo Melin*

SINAL DE ALERTA

"A reconciliação e a reconstrução somente serão possíveis quando os povos estiverem preparados para a cura, para ouvir, tentar compreender e respeitar o modo de ser de outros povos. A diversidade sustentável e pacífica e o desenvolvimento econômico são impossíveis sem a inclusão global."

Declaração de um curandeiro indígena feita no Parlamento sul-africano (Cape Town, 1998)

Hoje, 11 de setembro de 2001, começou realmente o século XXI. Dos escombros das torres do WTC em Nova Iorque ergueram-se não apenas poeira e cinzas, mas também uma onda de choque pela trágica perda de vidas de cidadãos comuns dos EUA e, sobretudo, uma imensa surpresa, um sentimento quase irreal de estupefação pela ocorrência de um ataque ao mais poderoso país do mundo, cuja magnitude poucos julgariam possível horas antes. Nós outros, espectadores do quadro mundial, mal podíamos crer em nossos olhos, que nos mostravam cenas em nada compatíveis com a imagem de inexpugnabilidade que sempre nos acostumamos a associar aos EUA. Mas não éramos apenas nós, os boquiabertos. Mais significativamente, tanto o povo

norte-americano como suas lideranças políticas e militares revelaram-se igualmente estupefatos diante de um evento cuja possibilidade sequer contemplavam, até então.

A partir de hoje, porém, a história é diferente. Os EUA continuam sendo invencíveis, apoiados que estão no maior poderio bélico da história humana e respaldados por uma dianteira tecnológica tão pronunciada no campo militar que tem tornado difíceis as operações conjuntas (em teatros como o da Bósnia) com seus aliados da Otan, muito menos avançados e bem equipados, em termos relativos. Os EUA continuam, portanto, invencíveis; mas definitivamente não são inexpugnáveis.

O mesmo movimento de globalização que assegura a onipresença e a preponderância dos interesses americanos pelo mundo afora traz em seu caudal a difusão e o acesso universal a tecnologias que possibilitam, por exemplo, simular a condução de um Boeing em pleno ar; ou construir artefatos explosivos "inteligentes" de grande impacto e difícil detecção; ou comunicar-se em tempo real com qualquer um em qualquer parte.

Em suma, tudo o que é

preciso para que, com poucos recursos humanos e materiais, possam realizar-se ataques de grande poder destrutivo contra um adversário poderoso – sobretudo caso se esteja disposto a morrer na tentativa. Para se infligir o dano de Pearl Harbor não é mais necessária, hoje, uma imensa força-tarefa com 6 porta-aviões ou a estratégia de um almirante Yamamoto.

Lições à grande potência

Esta é, então, a primeira lição a ser retirada dos acontecimentos trágicos de hoje. A tecnologia do séc. XXI não permite que qualquer país do mundo, por mais poderoso que seja, mantenha ilusões de invulnerabilidade. A segunda conclusão é a de que o único rumo a ser tomado para reduzir a probabilidade de ataques ainda mais graves no futuro aponta para uma política externa menos impositiva e intervencionista por parte dos EUA. É claro e patente que os atos de violência praticados em território americano neste dia, com as perdas de vidas humanas que acarretaram, são e permanecerão inteiramente injustificáveis. Isto não é o mesmo, porém, do que dizer que tais atos são gratuitos.

É enganosa, e potencialmente perigosa, a tentativa de descaracterizar o contexto histórico e político em que se situam os ataques ocorridos nos EUA, rotulando-os como "inexplicáveis atos de puro fanatismo". As trágicas e

A partir de hoje, porém, a história é diferente. Os EUA continuam sendo invencíveis, mas definitivamente não são inexpugnáveis

injustificáveis perdas de vidas americanas foram precedidas por igualmente trágicas e injustificáveis perdas de vidas palestinas, iranianas, africanas e etc. Caso as lideranças americanas optem por adotar a versão de que a agressão sofrida foi um ato imotivado de insanidade, em vez de um ato perverso de retaliação, correrão sério risco de desassociar o efeito de sua causa, com o que não terão como alterá-la.

No mundo do século XXI, em que tão poucos podem fazer tanto mal a tantos em tão pouco tempo, talvez seja prudente e racional rever-se as políticas mediante as quais os EUA produziram, diretamente, a dominação Talibã no Afeganistão (ao derrubarem o governo de Najibullah, armando os Mujaheddin); ou a revolução islâmica de Khomeini no Irã (ao assassinarem Mossadegh e sustentarem por décadas o impopular regime do Xâ); ou a revolução cubana (ao sustentarem o regime-títere de Batista) e o alinhamento de Cuba com a União Soviética (ao buscarem derrubar o governo de Castro, que nunca fora comunista).

Não fossem essas políticas equivocadas dos próprios norte-americanos a convencê-los da impossibilidade de serem sequer tolerados, todos esses "inimigos" poderiam estar hoje integrando o

Não é segredo que a sociedade americana possui em sua medula conservadora uma veia profunda de isolacionismo

P longo cordão de primos pobres que, longe de pensar em explodir alvos nos EUA, procuram ganhar as boas graças da rica nação americana para granjearem migalhas de sua prosperidade.

Considerando a criação de tantos focos evitáveis de problemas no contexto de insegurança estrutural e inevitável do novo século, talvez valha a pena para a superpotência americana investir na tolerância e no diálogo, reservando a imposição e o recurso às armas para os casos extremos e inevitáveis.

Por exemplo, tendo em vista que em anos recentes suas bombas explodiram prédios e pessoas no Sudão, na Líbia, no Afeganistão, no Iraque, no Líbano, etc., e sabedores do dano que desafetos, mesmo poucos e fracos, podem hoje causar, os EUA poderiam ter investido na Conferência Mundial de Combate ao Racismo e Outras Formas de Intolerância, em Durban, em vez de se retirarem antes do encerramento dos trabalhos na tentativa de evitar uma condenação ao tratamento dispensado por Israel à população palestina.

Na verdade, se a razão estratégica e a visão política de longo prazo não levarem as autoridades norte-americanas a mudar a linha de conduta externa que perseguem desde a doutrina Monroe e da guerra hispano-americana, existe a possibilidade de que o próprio povo a faça. Não é segredo que a sociedade americana possui em sua medula conservadora uma veia oculta, porém profunda, de isolacionismo. É óbvio que a simples ausência do cenário internacional não é uma

Talvez valha a pena para a superpotência americana investir na tolerância e no diálogo, reservando a imposição e o recurso às armas para os casos extremos

opção para o maior país capitalista do mundo, que tem interesses a zelar em cada canto do globo. Mas o risco de danos diretos em seu próprio quintal tenderá a ser intuitivamente percebido pelas camadas mais fundas do inconsciente coletivo americano, como decorrente de ocupar-se a ribalta no palco do mundo. Esta percepção poderá levar à criação de fortes pressões para uma efetiva redução da presença militar americana no exterior e em direção a mecanismos multilaterais de resolução de conflitos, em que não caiba aos EUA uma parte maior da tarefa de policiar o mundo para o capitalismo do que a que toca aos demais membros do G-8.

Naturalmente, a mera existência dessa pressão não significaria que os EUA alterariam da noite para o dia o seu papel internacional ou o perfil de seus engajamentos político-militares. Mas poderia significar a criação de entraves crescentes por parte do Congresso americano para as ações internacionais de cunho mais diretamente intervencionista, sobretudo em áreas conflagradas ou marcadas por fortes conflitos étnicos, religiosos ou culturais.

Finalmente, a última conclusão que podemos tirar dos eventos de hoje vem carregada de um matiz sombrio. Se os governantes americanos acreditarem que existem providências que, tomadas, garantiriam sua inexpugnabilidade; se desconsiderarem o fato de que a causa imediata das ações contra sua população reside numa linha de conduta internacional equivocada; se não forem por fim movidos à mudança pela própria pressão dos instintos isolacionistas de sua sociedade – nesse caso, pode-se facilmente antever que o pior ainda está por vir.

Por eficazmente coordenadas e executadas que tenham sido, as ações deste dia têm um perfil apenas mediano de risco e impacto relativamente ao que poderão ter ações futuras. Note-se que para arregimentarem-se elementos qualificados à pilotagem de aviões de

carreira em número suficiente para uma operação dessa magnitude, treinar as unidades que executariam a tomada das aeronaves,

providenciar a documentação, o transporte e o abrigo de todos os envolvidos – tudo isso demandou um longo prazo de preparação e a mobilização de recursos humanos e materiais

expressivos (ainda que diminutos pela escala

militar convencional). Tal mobilização e os prazos por ela requeridos aumentam as chances de reveses e a probabilidade de detecção pelas agências de segurança.

Noutras palavras, no futuro é improvável que ações com esse grau de complexidade, envolvendo tantas pessoas por tanto tempo, sejam sequer empreendidas. A tendência será a utilização de células cada vez menores, que se não poderão lançar mão de meios visíveis e convencionais para obter os resultados desejados, fatalmente procurarão compensar com um uso mais intensivo e eficaz da tecnologia moderna. Não podendo obter um avião para atacar um prédio, pode-se demoli-lo com uma pequena carga nuclear – menor ainda que a dos chamados dispositivos “ráticos”.

Armas químicas ou bacteriológicas podem ser utilizadas com ainda menor risco de detecção e ter seus efeitos multiplicados por uma distribuição levada a cabo com aparelhagem programável *ad hoc*. Nesses casos, estar-se-ia falando de dezenas, talvez centenas, de milhares de vítimas num só ataque. Nada disso tornaria os EUA indefesos, ou ameaçaria significativamente sua superioridade econômica ou militar. Mas trata-se de um preço alto demais do ponto de vista político e dificilmente se poderia montar uma coalizão de forças internas no país que fosse capaz de manter um equilíbrio estável sob tais circunstâncias.

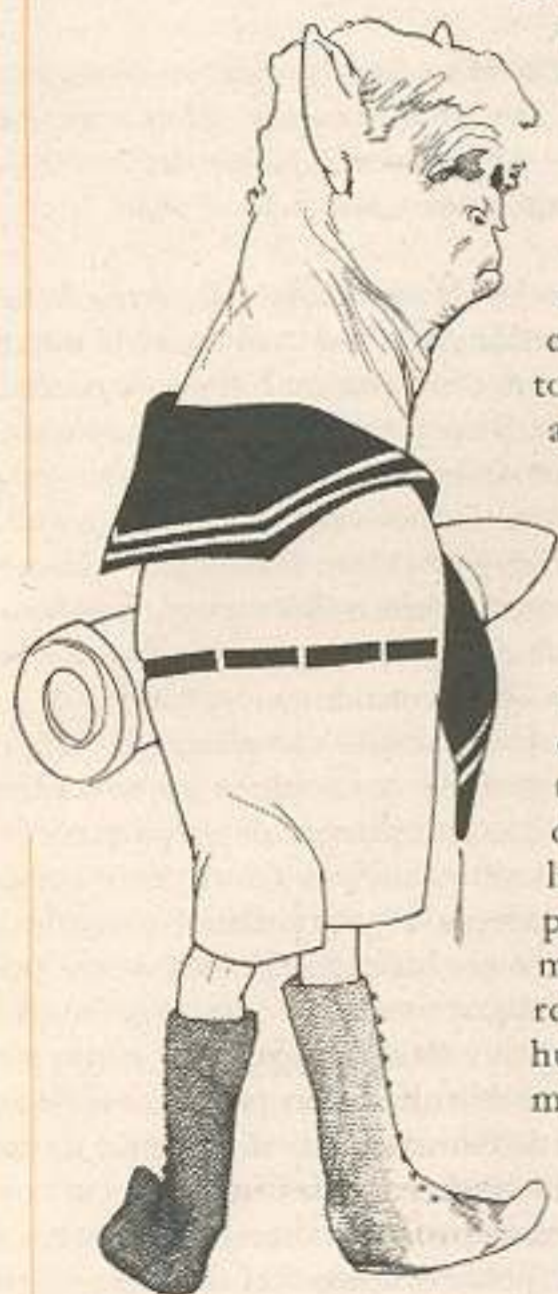
O século recém-inaugurado mandou, assim, um sinal à nação mais poderosa do mundo – e que continuará a sê-lo pelo futuro previsível – alertando-a de que o tempo de hoje não tem mais

O século recém-inaugurado mandou, assim, um sinal à nação mais poderosa do mundo, alertando-a de que o tempo de hoje não tem mais lugar para os usos de ontem

lugar para os usos de ontem. Que num mundo globalizado, integrado pelo comércio e pelas finanças e interligado pela tecnologia, as linhas divisórias entre norte e sul, entre brancos e não-brancos, entre incluídos e excluídos continuam a existir – mas podem ser transpostas no espaço de um minuto, sem aviso prévio e sem qualquer cerimônia.

A distância que separa o 11 de setembro de 1973, em que o presidente Allende, eleito pelo voto popular chileno, foi deposto e morto com o apoio dos EUA, do 11 de setembro de 2001, em que o Pentágono foi alvejado e deixado em chamas, é muito maior do que meros 28 anos: é a distância de um século passado para um novo; de um mundo em que a negociação e o diálogo eram uma concessão dos fortes, para um mundo em que o respeito mútuo tornou-se em necessidade de sobrevivência, para todos.

* Economista do Banco Central de Brasília

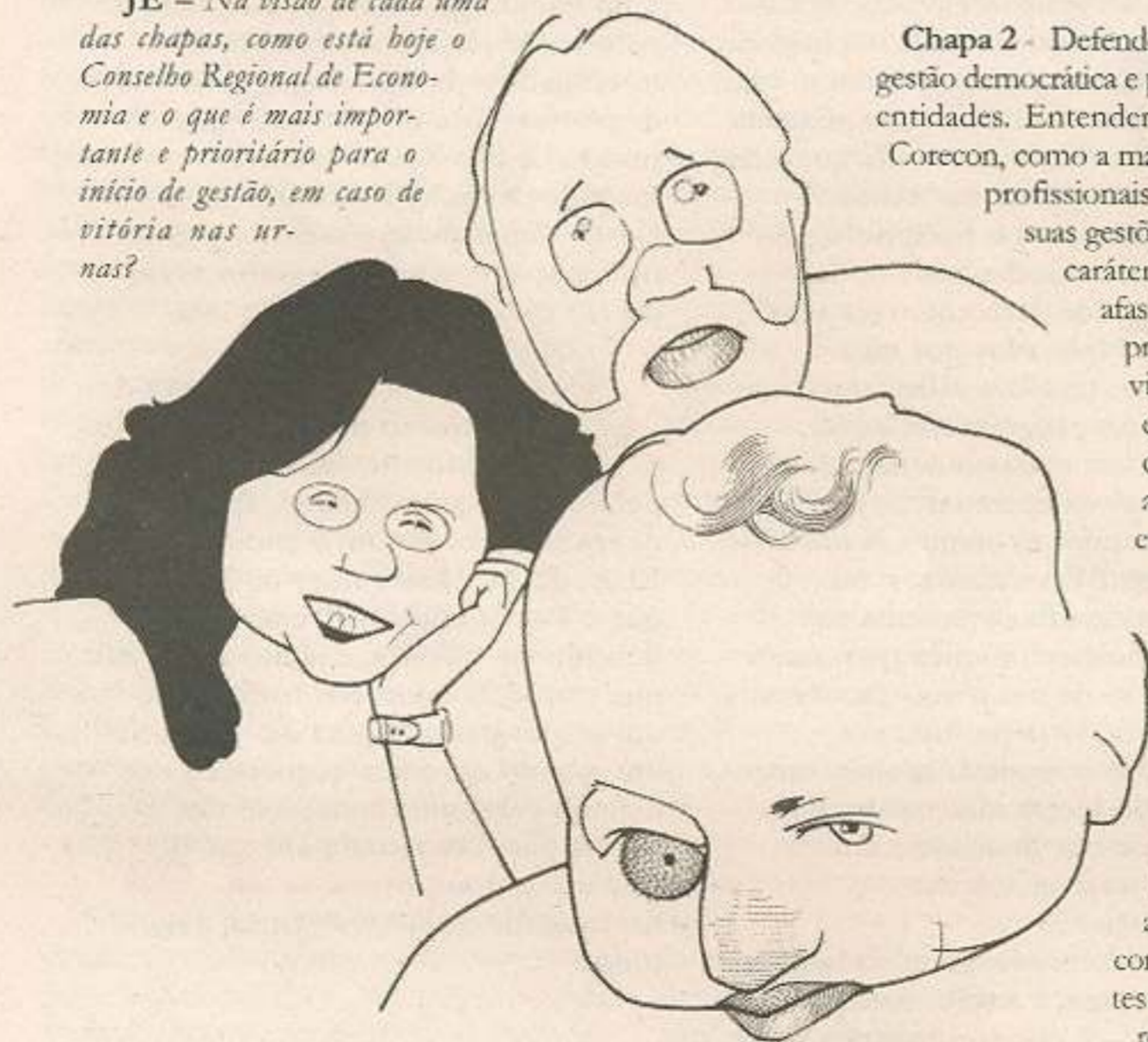


O CORECON-RJ EM DISPUTA: ELEIÇÃO 2001

É hora de definir o seu voto

Nesta edição, o JE foi buscar os representantes das duas chapas que concorrem à eleição do Terço 2001 para conhecer as visões de cada uma sobre os mais diversos temas e, em particular, o que distingue uma chapa da outra. A entrevista foi feita através da troca de mensagens pelo correio eletrônico e a sua íntegra é a que segue, como contribuição ao debate eleitoral entre os economistas. É ler e fazer a sua escolha.

JE – Na visão de cada uma das chapas, como está hoje o Conselho Regional de Economia e o que é mais importante e prioritário para o início de gestão, em caso de vitória nas urnas?



CHAPA 1:
Da esquerda para a direita: Ângela Maria Puppin Buzanovsky, Bernardo Karan, Ronaldo Rangol.

Chapa 1 - A reestruturação administrativa e a recuperação da capacidade financeira da entidade. Sem este esforço não será possível viabilizar atividades voltadas para nosso objetivo primeiro, de garantia e ampliação do mercado de trabalho dos economistas, e tampouco permitirá outras iniciativas de interesse da sociedade. Lembramos que, a despeito das medidas adotadas pela atual gestão, o Corecon-RJ sofreu uma significativa perda patrimonial nos últimos anos, o que conseqüentemente limita, hoje, a sua capacidade de atuação em defesa da categoria e da sociedade.

Chapa 2 - Defendemos o princípio da gestão democrática e plural para as nossas entidades. Entendemos que não só o Corecon, como a maioria dos conselhos profissionais, deve abandonar suas gestões burocráticas e de caráter centralista que as afastam das categorias. É prioritário prestar serviços relevantes aos economistas, em troca da cobrança da anuidade. Como, por exemplo, voltar a realizar curso de formação dos economistas, tanto na capital quanto no interior do estado, retomar o programa de bolsa de empregos que foi desativado na atual gestão, bem como promover debates com todas as correntes de pensamento sobre os rumos da economia.

Queremos reafirmar nosso compromisso em organizar cursos, seminários e outras atividades no interior do estado, além de em outros bairros da cidade do Rio e na região metropolitana. Além disso, o economista inscrito no Conselho quer saber o que é feito do dinheiro que ele paga todo ano. O Conselho precisa se fazer presente nas faculdades e maiores concentrações onde trabalham os profissionais. Na sua gestão, o Plenário do Conselho deve ter papel preponderante e o orçamento do órgão precisa de transparência e participação na sua elaboração, além de uma freqüente prestação pública de contas na sua execução.

JE – Considerando que em cada uma das chapas concorrentes existem profissionais que participaram do processo de mudança que o Corecon-RJ passou nos anos 80, o que distingue, neste momento, uma chapa da outra?

Chapa 1 – Nossa Chapa está, acima de tudo, comprometida com uma postura administrativa moderna, séria e transparente. É claro que em ambas as Chapas existem pessoas voltadas para o aprimoramento profissional do economista e que, em algum sentido, têm visões assemelhadas quanto às questões mais gerais sobre os rumos da política nacional. Contudo, o que realmente nos diferencia é o modo como pretendemos alcançar nossos objetivos. Nossa Chapa entende que é necessário o fortalecimento do Conselho e a ampliação da participação da categoria em sua gestão, o que só se obtém com a absoluta transparência de suas contas e procedimentos administrativos. Temos certo, também, que a entidade pode “fazer política” sem se distanciar de sua função básica (e razão de sua existência), quer seja fiscalizar o exercício da profissão em defesa da categoria e da sociedade. Deste modo, seremos capazes de ir além da mera crítica à condução da política do Governo Federal. Podemos, ao exercer o direito legal de agente fiscalizador em nosso estado, exigir que os profissionais envolvidos na execução desta política estejam técnica e eticamente ha-

bilitados para tal função, o que por um lado areja o espaço de trabalho do economista ao mesmo tempo em que traz à baila o debate sobre as prioridades e reais interesses embutidos nessa ação de governo. Porém, o Corecon-RJ deve estar estruturado administrativamente para este fim.

Chapa 2 – Se o passado não nos distingue, o programa para o futuro é a clivagem do momento. Temos como uma das nossas metas modificar o atual Estatuto do Conselho, herdado do regime autoritário e que não contempla a influência da base da autarquia, isto é, os milhares de economistas inscritos. Objetivamos não só a eleição direta do presidente e do vice, concretizando a Resolução do SINCE/2000, realizado em Ouro Preto (MG), como também reformular os Estatutos, visando uma gestão que repouse num papel mais ativo dos conselheiros e de delegacias e representações nos locais de concentração. Outro ponto que nos distingue da outra chapa é que somos a verdadeira renovação do Conselho. Em nossa chapa temos economistas formados na década de 90, e também nas décadas de 60, 70 e 80. Estamos trazendo uma nova geração de economistas sem excluir as anteriores. Queremos assim retomar o trabalho de base com novos economistas e resgatar antigos colegas de profissão afastados do Corecon.

JE – *Como cada uma das chapas vê a participação, o interesse e a mobilização dos economistas em torno do seu Conselho Regional?*

Chapa 1 - No momento, estamos presenciando um afastamento da categoria, o que sinaliza a necessidade de uma postura diferente e mais voltada para as necessidades do economista profissional. Nesse sentido, estamos comprometidos com a ampliação dos serviços prestados, como é o caso do “clube de descontos” iniciado em 2001 e com o estabelecimento de um programa gratuito de capacitação e atualização profissional. Temos a cla-

reza de que a entidade deve estar mais aberta à participação do economista, o que significa ser mais plural em termos das atividades que promove e organiza. Estas devem tratar não só de temas relacionados à política econômica (certamente importantes), como também estarem voltadas para questões profissionais e técnicas que impactam o cotidiano de trabalho do economista.

Chapa 2 - A categoria sofre em função da grande mudança pela qual vem passando o País e o mundo. A carreira de economista vem perdendo prestígio nos últimos tempos e a comprovação disto é o decréscimo da relação candidato/vaga nos vestibulares para o curso de economia, bem como a redução daqueles que se inscrevem em nosso Conselho após a formatura. Não fosse obrigatória a inscrição para o exercício da profissão estaríamos talvez considerando a hipótese de fechar a entidade. O economista comum percebe o Conselho como de pouca ou nenhuma valia. É mister que ele saiba e discuta o que fazer com entidades autárquicas, criadas de cima, sem

a sua participação e que lhe obriga inscrição e pagamento. Não concordamos como a atual gestão vem fazendo em constranger os economistas em débito com o Conselho. Isso apenas afasta colegas de profissão. Queremos aumentar a participação da categoria através do aumento de serviços prestados e na conscientização da necessidade de um órgão que congregue a classe. Consideramos fundamental organizar cursos de Reciclagem e de Novas Técnicas para melhorar a inserção dos economistas no mercado de trabalho, como, por exemplo, estimular a organização de peritos economistas. Outro trabalho fundamental é junto com os estudantes de economia, trabalhando em conjunto com as entidades estudantis, promovendo atividades nas faculdades e incentivando a tirarem a carteira estudantil do Corecon. Queremos, também, organizar um banco de dados sobre economia, informações necessárias para as análises econômicas, acessível através do site dos economistas,



CHAPA 2:
Da esquerda para a direita: Cláudio Maciel, Ivo Bucaresky e Lia Hasenclver.

e que a nossa biblioteca torne-se um centro de referência para a categoria.

JE – *No último dia 13 de agosto, Dia do Economista, completaram-se 50 anos da regulamentação da profissão. Como cada chapa vê o papel e o exercício da profissão em nossa sociedade? Considerando o processo de privatização das empresas estatais, levado a cabo a partir de 1990, o que mudou, neste período, no exercício e nas condições de trabalho do economista?*

Chapa 1 - O papel do economista continua sendo da maior importância, mesmo porque as questões econômicas (quer de caráter público, quer privadas) ganham cada vez mais relevância. Porém, não resta dúvida de que o economista profissional vem perdendo espaço de trabalho, não só pela redução do setor público e pelas privatizações de estatais (tradicionais contratantes), como também por uma modificação das características do próprio mercado de trabalho, onde as atribuições e funções são vistas como cada vez mais superpostas. O que consideramos grave é que, ao longo dos anos, o Corecon-RJ pouco fez para reverter, ou mesmo, intervir neste quadro. Houve, é verdade, a tentativa de demonstrar que o economista está melhor preparada para determinadas exigências profissionais. Contudo, esta ação provou-se inócua diante do avanço concorrencial de outras categorias profissionais. Entendemos que o Conselho não pode mais ficar inerte diante da sistemática perda de espaço de trabalho e de remunerações que sofre a categoria. Por isto, encampamos a recente política institucional de re-introduzir a prática de fiscalização, abandonada pelas gestões anteriores a 2001. Sem um setor de fiscalização capacitado, treinado e atuante, pouco se pode fazer em defesa do trabalho do economista. Estamos convencidos, porém, que esta política não pode ser implementada como uma prática corporativa setorial. Devemos, sim, garantir espaço profissional para o economista por sermos os únicos profissionais realmente capacitados a garantir os interesses da sociedade, que tem o direito de ter seus recursos (públicos ou privados) operados de forma segura e eficaz.

Chapa 2 - A profissão perdeu no Brasil o charme do macro-planejamento econômico, o duelo contra a inflação, até há poucos anos, ainda galvanizou a sociedade no entorno dos nossos debates. Ademais, uma economia mais privatizada exige uma formação que leve em

conta a ótica da concorrência e das técnicas de gestão empresarial. A academia a par de cuidar dessa exigência, tem, mais que nunca, que enfatizar a perspectiva crítica e a finalidade da ciência econômica para com o bem-estar social da maioria do povo.

JE – *A economia tem polarizado a atenção e a iniciativa dos últimos governos e, no entanto, os problemas econômicos permanecem sem soluções que privilegiem o interesse e as necessidades de amplas camadas da população. Por que isto acontece e o que é preciso ser feito ou alterado na condução da economia brasileira, do ponto de vista de cada chapa?*

Chapa 1- Consideramos evidente que a atual política econômica e seus mecanismos de operação geraram o elevado grau de fragilidade interna e dependência externa em que nos encontramos. Estamos hoje sujeitos a desequilíbrios estruturais em diversos segmentos da economia, além de outras mazelas de curto prazo. Contudo, isso longe de constituir-se em um fato inexorável, deveria somente nos dar a dimensão da armadilha para qual fomos arrastados desde o Plano Real. A questão é que não precisávamos estar vivenciando este contexto de forte restrição e dependência, já que outras alternativas econômicas seriam possíveis de serem adotadas. Cabe lembrar que a atual política econômica vitalizada pelos juros domésticos estratosféricos que são assegurados por superávits primários do governo, quando modelada com base em certos fundamentos, parece ser razoável e eficiente (por exemplo, no que tange ao controle inflacionário), é de fato uma opção política que atende a alguns interesses, independentemente de provocar um enorme desajuste estrutural que inviabiliza o crescimento, a elevação do nível de emprego e a dinâmica interna de mercado. Portanto, para romper com o quadro econômico atual, necessitamos de uma outra ordem política e de uma conduta diferente de governo, que instaure outras ferramentas econômicas. Existiriam diversas alternativas, no que diz respeito à questão econômica propriamente dita, que possibilitariam programas de geração de emprego, fomento ao setor produtivo, estímulo às exportações, etc. Levar a público este debate, de forma ampla e plural, oferecendo à sociedade o direito de escolha é uma de nossas metas para o Corecon-RJ.

Chapa 2 - Hoje é certamente a luta

por apontar os caminhos para o desenvolvimento nacional, com cada vez mais profunda inserção mundial, que se constitui no desafio que temos a vencer e que deve encontrar nossas entidades participando ativamente dessa discussão. Devemos mostrar como é falsa a discussão maniqueísta que tenta forçar a opção entre mercado e Estado. Não há um sem o outro. E nosso papel é, em todos os planos, tentar influir nos moldes de uma economia que inclua as amplas camadas da população no emprego e no benefício de sua produção, a qual deve preservar e promover o respeito ao meio ambiente como legado para as futuras gerações.

JE – *Qual a última mensagem que cada chapa gostaria de transmitir para a categoria?*

Chapa 1 - O Corecon-RJ, pela sua trajetória histórica, tem que ter o compromisso de fazer a sua parte, engajando-se em uma corrente de esforço conjunto em prol de interesses coletivos, voltados para a disseminação da melhoria da qualidade de vida de parcelas consideráveis da população, hoje excluídas de qualquer benefício do desenvolvimento econômico e, principalmente, resgatar a ética na política. Acreditamos que somos capazes de somar, por isso, pedimos o seu voto para a Chapa 1, do Movimento de Renovação dos Economistas.

Chapa 2 - Confiante no resultado positivo, conclamamos a chapa adversária a um pleito digno dos economistas do Rio de Janeiro. Utilizamos este espaço para protestar contra a utilização deste mesmo jornal para balanço de gestão em véspera de eleição, ao contrário de apresentá-lo ao final do ano. Isto na verdade é propaganda de chapa e não prestação de contas. Ao mesmo tempo convidamos toda nossa categoria à participação, a influir antes e depois das eleições nos destinos do Conselho para que o tornemos um centro ativo das propostas para a construção de um futuro de desenvolvimento e justiça social para o Brasil. Visitem nossa home page - www.inovacaonocorecon.hpg.com.br - e entrem em contato conosco através de nosso e-mail - inovacaonocorecon@hotmail.com. ■

MARKETING J. Roberto Whitaker Penteado*

ESSE PRODUTO PRECISA DE MARKETING

Apesar de contar com público garantido e ampla divulgação pela mídia, o futebol no Brasil é um inacreditável fracasso

Imagine, leitor, a seguinte situação: num determinado país, uma empresa pesquisa o mercado e descobre que existe um produto extremamente apreciado pela imensa maioria da população. O mercado consumidor em potencial é ainda maior e necessita de pouca segmentação. Há ligeira predominância do público masculino, mas as mulheres também gostam do produto. Não há limitação de faixa etária. Praticamente a partir dos cinco ou seis anos todos podem consumi-lo e o gosto pelo produto não diminui com a idade. Às vezes, até aumenta.

No que se refere a classes sócio-econômicas, a pesquisa revela que os muitos ricos e os muitíssimos pobres talvez não o desejem - aqueles - e não possam - estes - adquiri-lo. Mas essa sub-segmentação, contudo, não chega a alijar nem 10% desse mercado potencial. A maior limitação talvez seja que, pelas características da distribuição, o produto possa ser mais adequado aos mercados urbanos, ainda que certos tipos especiais possam ser levados ao mercado rural por outros canais.

Feitos os cálculos e excluídos os segmentos acima descritos, resta-nos um mercado em potencial - no país considerado de, pelo menos, 60 milhões de pessoas. Fantástico! Poucos produtos no mundo podem apresentar perspectivas tão impressionantes.

Analisando a situação de fornecimento e dos processos de fabricação, a empresa descobre que a matéria-prima é abundante e barata - à exceção de um ou outro ingrediente mais caro, mas que não precisa ser importado - e que os técnicos e supervisores de produção possuem know-how apuradíssimo e estão em condições de produzir um produto da melhor qualidade. Promissor, não é mesmo?

Preço e distribuição

Preço: o grande potencial de mercado permitirá excelente economia de escala e o produto poderá ser vendido em vários formatos, desde preços absolutamente populares, até preços um pouco mais altos - mas perfeitamente suportáveis - para o produto em embalagem de luxo, para as classes sócio-econômicas mais elevadas. As previsões financeiras mostram retorno imediato, lucro no primeiro ano e receitas constantes e crescentes.

O estudo da distribuição mostra uma situação não menos promissora. Há condições de levar o produto a todos os grandes centros brasileiros. Até mesmo nas cidades menores, há canais de distribuição adequados para levar o produto aos consumidores no local e no momento certo. A comunicação revela a última - e talvez maior - surpresa. Tanto a televisão, como o rádio, as revistas e os jornais estão dispostos a ceder os seus melhores espaços inteiramente de graça. Nas primeiras páginas, nas páginas ímpares e no horário nobre.

A própria mídia se encarregará de produzir o material de divulgação. Naturalmente, porque interessa a eles. O produto tem valor-notícia e estão dispostos a dar-lhe ampla centimetragem, sem esconder as marcas comerciais e todos os argumentos de venda. Você está pensando que não existem este produto e este mercado, com as características que acabo de descrever? Errou.

O mercado, como você deve ter adivinhado, é o Brasil mesmo. E o produto é o futebol. Mas a conclusão é triste. No país do futebol, os homens que o administram conseguiram ser tão incompetentes que o produto final acabou sendo de péssima qualidade, os consumi-

dores não o querem e as empresas - todas - estão dando prejuízo. Trata-se, talvez, do maior e mais inacreditável fracasso em toda a história do marketing.

Como profissional do setor, muitas vezes sonho em como seria, de fato, profissionalizar o nosso futebol como produto de consumo para esse gigantesco mercado, ávido e pronto para recebê-lo. Mais do que nunca, é preciso levar o marketing ao futebol. Não como uma ingênua placa na porta de um cidadão que ocupe uma chefia de "marketing" da CBF, ou nos clubes, como assessoria esporádica a dirigentes em busca de proeminência política, que só sabem alterar tabelas, calendários e os nomes dos torneios, como se a solução dos problemas do nosso futebol pudesse ser encontrada através da simples mudança de embalagem.

Como em todo projeto de marketing, o primeiro passo deve ser dado através da pesquisa. Que o mercado potencial é gigantesco, já vimos: 90% dos aparelhos de TV ligados - e mais os radinhos portáteis para quem não pode estar diante da televisão - significam mais de cem milhões de pessoas "ligadas", por exemplo, nos jogos de uma Copa do Mundo. Nenhum outro produto ou serviço, nos maiores e mais ricos mercados, conta com tamanhas possibilidades. Uma consulta inteligente poderá mostrar - ou indicar - do que o povo gosta e de que maneiras gostaria de consumir o futebol.

Depois da pesquisa feita, é claro, viriam as estratégias. Mas isso eu não vou dar de graça. ■

* Economista e consultor em marketing

CARTA

WANICK CRITICA EDIÇÃO DO JE

O *Jornal dos Economistas* recebeu do professor Sylvio Wanick Ribeiro, autor da matéria principal da edição de agosto, que tratou dos 50 anos da regulamentação da profissão de economista, a carta cuja íntegra publicamos



Ilm. Sr.
Presidente do
CORECON - RJ

Em 24 - 09 - 2001

Meu caro Presidente

O "Jornal dos Economistas" - JE, editado pelo Corecon-RJ, em seu número 146, de agosto, que está circulando, por sinal em nova e melhorada diagramação e impresso em papel mais adequado, publica, dentre outras, matéria sobre a regulamentação profissional, de minha autoria.

Nas páginas centrais (8 e 9), sob o título equívocado de "os pioneiros da profissão", predomina um muito bom trabalho de caricaturas, onde destacam os seguintes nove eminentes economistas, identificados na página seguinte: Eugênio Gudin, Octavio Gouvêa de Bulhões, Maria da Conceição Tavares, Ignacio Rangel, Antonio Delfim Netto, Carlos Lessa, Roberto Campos, Mário Henrique Simonsen e Celso Furtado. Três desses nomes estão com suas grafias originais diferentes.

Ora, os notáveis economistas citados merecem homenagens, granjearam justa promoção entre intelectuais, realizaram obras das mais meritórias, como autores e/ou professores e a maioria deles, felizmente ainda viva, por certo vai continuar produzindo e se destacando com a melhor qualidade. Todavia, não são pioneiros. Pioneiro é quem vai à frente, abre caminho, antecipa-se, precede, é precursor, quem primeiro desbrava regiões incultas.

Assim ensina o léxico, mas, além dis-

so, exige-se o respeito que se deve ter pelos verdadeiros pioneiros. Há cerca de 200 anos que se divulga obras de economistas, algumas muito boas, de autores nacionais, podendo-se citar, facilmente, 50 títulos, a começar, por exemplo, pelos do visconde de Cairu, editados no século XIX, sendo que pelo menos um deles deve ombrear-se com os de Adam Smith, François Quesnay ou Jean-Baptiste Say.

Para não mais me alongar, deixo apenas estas poucas perguntas ao JE: onde ficaram Annibal Villanova Villela, Caio Prado Júnior, Isaac Kerstenetzky, Jesus Soares Pereira, Pandiá Calógeras, Roberto Simonsen ou Rômulo de Almeida, dentre muitos outros?

De qualquer sorte, não escrevi nem escreveria, que os nove mais destacados economistas são pioneiros, exclusivos, considerados estes dois séculos de profissão. Além disso, não atino como o

Corecon - RJ possa fazer tais preferências.

Concluindo, sugiro que o JE publique, em sua próxima edição:

- 1) - nota retificando o seu equívoco; ou
- 2) - o inteiro teor deste recado.

Com cumprimentos e
agradecimentos,

Sylvio Wanick Ribeiro,
economista, Corecon - RJ 585



Nota: O uso do termo 'pioneiro' na referida matéria buscou situar-se tão somente no contexto do processo de regulamentação da profissão de economista, no Brasil, e não em relação à Ciência Econômica. O critério de escolha utilizado pelo Conselho Editorial do JE para as nove pessoas que aparecem na caricatura da página central do jornal foi o de abranger as diferentes visões econômicas, sem a pretensão de, através delas, traduzir-se o conjunto das contribuições de economistas, que, com certeza, é muito mais amplo e extenso. Infelizmente, não foi esta a leitura feita por alguns, entre os quais, o professor Sylvio Wanick Ribeiro. Só nos cabe desculparnos com os leitores por este viés de compreensão, que não foi nosso objetivo, esperando acertar e ser mais preciso de uma próxima vez. (O Editor)

ORÇAMENTO POPULAR

PREFEITURA CONTÉM AS DESPEVAS. POR QUE?

Análise da execução orçamentária até agosto de 2001: estaria em curso a velha política de fazer caixa para gastar no ano das eleições?

Estão no portal da prefeitura os Relatórios Mensais de Acompanhamento dos Parâmetros Estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal do Orçamento Municipal. Eles informam como estão a arrecadação e os gastos do município, tanto por órgão quanto por função e categorias econômicas. Apresentam também dados sobre a dívida e o resultado primário do Orçamento Municipal.

Considerando que este relatório apresenta os resultados obtidos nos oito primeiros meses do ano, estima-se que em média as receitas e as despesas deveriam estar em torno de 66% do total previsto, correspondente ao período já decorrido do ano. Analisando as receitas, pode-se perceber que o total arrecadado está dentro da média, com quase 65% da previsão para o ano já realizada, o que não quer dizer que em todas as categorias econômicas as receitas estejam equilibradas. A arrecadação tributária, por exemplo, já está com 70% do total previsto realizado, o que é normal, já que a arrecadação de alguns impostos, como o IPTU,

concentra-se principalmente no início do ano.

O que se estranha, entre outros pontos, são os somente 19% do total previsto das Operações de Crédito realizadas e os 221% das Receitas de Aplicações Financeiras. O que terá acontecido com as Receitas de Operações de Crédito? Por que o município está arrecadando tão pouco do previsto com empréstimos? Será que os empréstimos ainda acontecerão? E por que já arrecadou 221% da previsão para o ano todo com Aplicações Financeiras?

Analisando as despesas, vemos logo pelo seu total liquidado que algo está fora dos padrões, pois somente 45% da previsão anual foram liquidados. Esta proporção é muito baixa, mesmo considerando a tradicional defasagem entre a arrecadação e a liquidação das despesas. Das despesas com a dívida, só foram liquidados 33% do total previsto para o ano, sendo que as amortizações foram liquidadas em apenas 15% da previsão anual e o pagamento dos juros em 69%. O que mais destoa são as Despesas de Capital, nas quais só foram

liquidados 14% do total orçado. As Despesas Correntes foram liquidadas até o momento em 54% da previsão anual. O que estará por trás desta política de gastos tão baixos?

Essa contenção de despesas e uma arrecadação de certa forma normal levaram o município a um superávit orçamentário de R\$ 1,124 bilhão, incluindo aí o grande aumento na arrecadação das aplicações financeiras, explicada pela maior disponibilidade de recursos para tanto. Estaria o prefeito César Maia fazendo a mesma política utilizada no seu primeiro governo, quando "fez caixa" no início para no final do mandato gastar mais intensamente, assim como faz qualquer político tradicional?

Isto é notório quando somente 14% do total da previsão anual das Despesas de Capital foram liquidadas, contrapondo-se com a liquidação de 54% da previsão total das Despesas Correntes. Resta saber se a população está a favor desta política e se está em condições de esperar pela aplicação destes recursos até pouco antes da época das eleições. ■

Projeto Orçamento 2002: + R\$ 1 bi

O projeto de lei para o orçamento de 2002 já foi encaminhado à Câmara Municipal do Rio de Janeiro e publicado no D.C.M., do dia 4 de outubro. O orçamento para o ano que vem foi estimado em R\$ 6,6 bilhões, aproximadamente R\$ 1 bilhão a mais que o de 2001, o que representa um acréscimo de 18%

na previsão da arrecadação do Município.

As despesas não demonstram grandes alterações. O maior crescimento foi a que engloba amortização e encargos da dívida e obrigações previdenciárias do município, em torno de R\$ 500 milhões. Surgiram três secretarias especiais: de Prevenção

à Dependência Química, da Terceira Idade e de Promoção e Defesa dos Animais. Houve também a junção dos recursos de duas secretarias - a de Trânsito, extinta, e a de Transportes, que teve sua dotação elevada em mais de 3000%.

O prefeito César Maia propôs que o percentual de remanejamentos

seja de 30%, diferentemente do exercício atual, de 25%. Este é um percentual bastante elevado, na medida em que este orçamento já está sendo elaborado pelo atual prefeito (e não pelo antecessor), não parecendo necessário autorização para re-alocar dotações em valor equivalente a quase R\$ 2 bilhões. ■

As matérias desta página são de autoria da Equipe do Fórum de Orçamento Popular do Corecon-RJ, constituída pelos estagiários de economia Paula Mota e Renato Elman, sob a supervisão do economista Luiz Mario Behnen.
CORECON: Av. Rio Branco, 109 - 19º andar - Rio de Janeiro/RJ - CEP 20054-900 - Tel.: (21) 2232-8178 - Fax.: (21) 2509-8121
Correio eletrônico: fporj@bol.com.br - Portal: <http://www.economistas.com.br> - Lista de discussão: forumrio@rits.com.br
As reuniões do Fórum são abertas: todas as quintas-feiras, às 18h, na sede do CORECON-RJ

RIO FAZ O SEU FÓRUM SOCIAL

Entre os dias 26 e 28 deste mês de outubro estará acontecendo, no Rio, o Fórum Social no Rio de Janeiro: Por um outro Brasil. O evento vai se realizar no Campus do Centro da Universidade Cândido Mendes, e será aberto à participação de todos os interessados nos debates preparativos para o Fórum Social Mundial que acontecerá de 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002, em Porto Alegre.

A coordenação do Fórum Social do Rio emitiu uma nota que está sendo distribuída em todas as entidades e movimentos organizados do estado, que republicamos no JE, seguida da programação completa do evento que se inicia na noite desta última sexta-feira do mês.

"Povo do Rio de Janeiro,

Entre os dias 25 e 30 de janeiro deste ano os povos do mundo inteiro se reuniram em Porto Alegre para discutir os rumos dado

pela nova ordem internacional e para propor caminhos alternativos. Este movimento significou o Fórum Social Mundial.

O próximo FSM está marcado e será novamente em Porto Alegre de 31 de janeiro a 5 de fevereiro de 2002. Esta nova versão reveste-se da maior importância, pois deve significar a consolidação de um pólo mundial de oposição ao neoliberalismo e às políticas que fomentam a miséria e a violência em todo o mundo.

O Comitê Rio, criado há mais de um ano, com o objetivo de disseminar e expandir o FSM, promoverá o Fórum Social no Rio de Janeiro: Por um outro Brasil, nos dias 26, 27 e 28 de outubro, na Universidade Cândido Mendes - no Campus do Centro

Inscrição através do email:

forumsocialcarioca@hotmail.com

Informações: 2232-8178 ramal 27 e 33

Todos estão convidados aos debates."

Programação

Dia 26 de outubro - Sexta-feira

17 h: credenciamento

18h: Evento Circense

18:30: abertura

Composição da mesa de autoridades: Prof. Cândido Mendes, diversos parlamentares, autoridades institucionais (representantes de governos) e entidades.

Execução do Hino Nacional

19 h: Mesa: "Mundo Global X Fórum Social Mundial"

Debatadores: Bernad Cassen e César Benjamim.

21h: Poesia Matuta

23h: Festa Externa

Dia 27 de outubro - Sábado

8:30 h: "Os efeitos do neoliberalismo" (privatizações, ajuste fiscal, dívida etc.)

Debatadores: Reinaldo Gonçalves, Saete Macaloz, Jean Pierre Lerois e Luiz Fernandes

12 h: Apresentação Teatral

14 h: Oficinas Livres

20h: Roda de Samba/Mostra de Produtos Culturais

Dia 28 de Outubro - Domingo

8:30 h: "Os Movimentos Sociais e a Resistência Popular: Construindo a Sociedade que Queremos"

Debatadores: Augusto Boal, João Pedro Stédile, Valério Arcary, Tais Ladeira e Ana Maria Ribeiro.

12 h: Teatro do Oprimido "Marias do Brasil"

14 h: Oficinas Livres

18 h: Encerramento

20h: Evento Hip Hop - dança, grafite, música.

Economia e cultura em debate

As entidades de economia do Rio de Janeiro - Corecon, Ierj e Sindecon - promovem, a partir do próximo dia 13 de novembro, um ciclo de debates sobre Economia e Cultura, que serão realizados na livraria Contra Capa, em Copacabana, reunindo profissionais de diferentes experiências nestas duas áreas. A proposta é buscar um olhar econômico para a cultura. Os debates são abertos a todos os interessados e a programação é a seguinte:

Dia 13/11/2001 às 19h30min:

Livro: economia e mercado editorial

Debatadores: George Kornes (UERJ); Lilia Maria Miranda Alves (Academia Brasileira de Letras); e Milena Duchiad (Associação Estadual dos Livreiros e Livraria Leonardo da Vinci)

Dia 27/11/2001 às 19h30min:

Economia e Futebol: o lance imperfeito

Debatadores: Elena Landau (Consultora); Fábio Sá Earp (IE/UFRJ); José Roberto Pen-teado (Consultor de Marketing); e Isabela Pereira (Coppe-UFRJ)

Local: Livraria Contra Capa

Rua Dias Ferreira, 214 - Leblon

Lançamento

O economista Nivalde José de Castro estará lançando, no próximo dia 7 de novembro, a partir das 19h30, no Salão Dourado da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha (entrada pela avenida Pasteur, 250), o seu livro O economista: história da profissão no Brasil. ■

JORNAL DOS
economistas

ÓRGÃO OFICIAL DO CORECON-RJ, IERJ E SINDECON-RJ



Siga sua Consultoria
Corecon - RJ

PORTE PAGO
DR/RJ
PRT 0735/2000

